

ROBERTO DAMATTA

# Antropologia do óbvio

Notas em torno do significado  
social do futebol brasileiro

FOTO: WILLIAM COSTA

**D**iz um ditado popular que no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol. Curioso que esta lista de unanimidades nacionais seja constituída por uma bebida alcoólica - um “espírito” que ajuda a comemorar alegrias e a esquecer as frustrações; uma loteria clandestina que junta números com animais, sonhos com o desejo de fácil ascensão social, políticos profissionais e “homens de bem” com notórios contraventores; e, finalmente, um esporte moderno inventado pelos ingleses e adotado pelos brasileiros com uma paixão somente igualada por sua perícia em praticá-lo.

Vale igualmente observar que, dentre essas instituições, o futebol é certamente a mais moderna e a que chegou no Brasil por meio de um bem documentado processo de difusão cultural. De fato, enquanto a cachaça e o jogo do bicho atendem a motivações que se perdem na história, o futebol foi introduzido no Brasil sob o

signo do novo, pois, mais do que um simples “jogo”, estava na lista das coisas moderníssimas: era um “esporte”. Ouseja,

uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo - esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização. Nos primeiros anos do século, portanto no momento de sua aparição no cenário brasileiro, o

futebol foi um jogo de elite. Um “esporte” praticado por jovens filhos de industriais que por ele se apaixonaram na Inglaterra, onde tinham ido a estudo ou negócios. Apaixonados pelos valores que o esporte implicitamente solicitava dos seus praticantes - a competição e o chamado *fair-play* ou “espírito esportivo” -, esses jovens trouxeram o futebol para suas fábricas e clubes, espaços onde o jogo ajudava a disciplinar os corpos e aplainava os



**ROBERTO DAMATTA** é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Notre Dame, Estados Unidos, e autor, entre outros, de *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma Sociologia do Dilema Brasileiro* (Editora Guanabara).

Em memória de Nelson Rodrigues que soube ler no futebol a alma do Brasil

corações, fazendo-os obedientes às suas regras. Pois diferentemente de outras instituições, o futebol reúne muita coisa na sua invejável multivocalidade, já que é jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso. Algo que requer paixão e treinamento, começando pela obediência às suas regras que não podem mudar e devem valer para todos e sem as quais pode haver disputa e jogo, mas não há esporte.

Introduzido no Brasil naqueles primeiros anos de vida republicana, o futebol fazia parte de um movimento modernizador que ativava reações díspares. De um Lima Barreto, por exemplo, escritor sem berço, injustiçado e mulato, provocou uma reação negativa, como um evento capaz de despertar paixões e incontida violência, além de igualar homens e mulheres que, no campo de futebol e como torcida, comportavam-se deixando de lado os velhos pudores e a necessária compostura (1). Para outros intelectuais, como Olavo Bilac, escritor de muito sucesso e líder desta tão desejada modernização, o futebol representava precisamente o oposto, pois era o exemplo do bom uso do corpo, esse corpo que deveria estar a serviço da pátria e do futuro (2). Muitos anos iriam se passar até que um Nelson Rodrigues pudesse enxergar o verdadeiro papel deste esporte entre nós.

## JOGAR E COMPETIR

O fato, porém, é que o velho esporte bretão entrava em conflito com valores tradicionais. Habituada a jogar e não a competir, a sociedade brasileira, construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, democraticamente produzia ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra ou a vergonha. Foi preciso que essa sociedade vincada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós. Desse modo, foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e de igualdade. Pois não foi através do nosso Parla-

mento que o povo aprendeu a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol, esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, vale repetir, não deve ser humilhado. Desse modo, o velho e bretão *football Association* foi apropriado por toda a sociedade e sendo rebatizado no Brasil como "futebol" virou uma paixão das massas e um acontecimento festejado e amado pelo povo (3).

De fato, essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada e a saudade, um produto brasileiro. Tal ousadia em mudar uma história recente e bem documentada apenas indica o quanto o "futebol" mobiliza e apaixona as massas. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é uma atividade dotada de uma notável multivocalidade - uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. No fundo, o futebol prova que se pode acasalar - e acasalar muito bem - valores culturais locais, nascidos de uma visão de mundo tradicional e particularista, com uma lógica moderna e universalista.

## O SIGNIFICADO DO ESPORTE NO MUNDO MODERNO

Mas não se pode discutir o futebol de um ponto de vista sociológico sem procurar situá-lo no mundo moderno. Cabe, pois, perguntar: qual o significado do "esporte" no mundo moderno?

Ora, refletir sobre o esporte é procurar compreender uma esfera de atividade dotada de uma aura paradoxal. Primeiro, porque ele tem uma notável autonomia sendo uma esfera marcada por normas, gestos,

1 Mitificando corretamente esse período, diz Nelson Rodrigues da torcida feminina numa de suas crônicas: "Naquele tempo tudo era diferente. Por exemplo: - a torcida tinha uma ênfase, uma grandiloquência de ópera. E acontecia esta coisa sublime: - quando havia um gol, as mulheres rolavam em ataques. Eis o que empobrece" - conclui Nelson Rodrigues - "o futebol atual: - a inexistência do histerismo feminino". Numa outra crônica, Nelson fala do suborno dos juizes e de juizes que "se vendiam por um maço de cigarros". Com isso ele estava enfatizando essa ausência de isenção, típica do esporte e, por extensão, da sociedade democrática, onde os jogos (e as eleições) transcorrem normal e honestamente. (Cf. Nelson Rodrigues, *A Sombra das Chuteiras Imortais: Crônicas de Futebol*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.)

2 Vale lembrar que Olavo Bilac defendeu o serviço militar obrigatório - o universalismo do Estado -, os esportes e a educação física como hábitos a serem nacionalmente difundidos - medidas fundamentais de "higiene social" destinada a "limpar a raça" mestiça do Brasil. Dentro desta lógica ele apóia o futebol e lê as festas populares como, por exemplo, a festa da Panha no Rio de Janeiro como um objeto fora do lugar. Assim, tal como repetiria o crítico literário Roberto Schwartz anos depois, Bilac vê essa festa como uma prova de comportamentos fora do lugar. Assim ele diz que tal "espetáculo de desvarada e bruta desordem ainda (seria compreensível) no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betegas (= rua estreita), de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate..." (Cf. *Revista Kosmos*, nº3, out./1906).

3 Interessante observar, como prova desta penetração e deste sucesso, que no Brasil tenha se difundido o chamado "time de botão" que todo menino obrigatoriamente possui num dado momento de sua infância. Com esses times, cujo dono é tudo (pai, irmão, presidente, técnico, juiz, bandeirinha e craque), fazem-se campeonatos tão emocionantes quanto os que se decidem no campo. Lembrou-me de uma tal pejeia nos idos de 1950, em São João Nepomuceno, Minas Gerais, quando, com 11 ou 12 anos, ganhei, num jogo nervoso e verdadeiramente clássico, o título do meu fanático amigo e adversário, o Mário Roberto Zagari, hoje distintíssimo professor de Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi o meu botão especial, o Carlyle, que fez o único gol da partida.



valores, objetos, espaços e temporalidades muito especiais (4). Depois, porque o esporte - como a arte - é uma atividade que possui uma clara auto-referência, não estando a serviço direto ou explícito dos valores que constituem o mundo diário do trabalho, do dinheiro e do controle. Para que serve a arte ou o esporte? Por não permitir a mesma resposta que cabe no caso da ciência, da lei ou do comércio, a pergunta torna-se reveladoramente enigmática. É que ela denuncia o utilitarismo como valor. Esse utilitarismo que deve ser o fim das nossas vidas e que entroniza a idéia de progresso - outro traço básico da racionalidade burguesa. Diferentemente do trabalho, portanto, que tem uma relação direta com o "dever", com a "obrigação", com o "castigo", com o "pecado" e com a "dureza da vida", o esporte é uma atividade paradoxal porque não é produtiva no sentido radical de provocar uma transformação da natureza e da sociedade. Voltadas antes de tudo para si mesmas, esporte e arte são esferas da vida que negam o utilitarismo dominante e, por isso mesmo, promovem um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo. Se o objetivo do trabalho é enriquecer a sociedade, transformando-a em corpo poderoso, o alvo do esporte é muito mais difícil de estabelecer. Tudo indica que o esporte tem um lado instrumental ou prático que permite "fazer" coisas e promover riqueza; mas ele tem também um enorme eixo expressivo e/ou simbólico que apenas diz e, com os rituais, revela quem somos.

Mas é preciso acentuar que nem por isso o esporte está divorciado da sociedade que o engendrou. Sua função no mundo moderno tem uma ligação íntima com dois aspectos fundamentais da vida burguesa. O primeiro é a disciplina das massas que o esporte ensina e reafirma, quando exige que todos cheguem aos estádios em horas certas, pagando corretamente as entradas. E o segundo é a sua ligação íntima com a idéia de *fair-play*, pois esporte trivializa a vitória e a derrota. Ora, essa socialização para o fracasso e para o êxito, essa banalização da perda, da pobreza e da má-sorte, somente poderia ocorrer numa sociedade transformada, como disse Karl Polanyi, pelo mercado que tudo

4 Conforme se sabe, há uma Justiça especial - a "justiça esportiva" - que legitimamente julga e penaliza os delitos cometidos por esportistas não como pessoas físicas comuns, mas como jogadores ou disputantes de pejejas esportivas. Por outro lado, o tempo e o espaço, essas inflexíveis dimensões humanas, tornam-se adversários concretos nas provas atléticas, quando um milímetro ou uma fração de segundo pode decidir um campeonato mundial ou um recorde. Assim, tempo e espaço são colocados, no campo do esporte, contra e como adversários de homens e mulheres que tentam superá-los.

engloba e faz crer que todos são mesmo jogadores com iguais oportunidades.

Ademais, o esporte afirma valores capitalistas básicos, como o individualismo (cada um de nós tem o direito de escolher um clube, time ou herói esportivo), e o igualitarismo (no início do jogo os adversários são iguais e devem ser tratados com lisura e respeito, principalmente na derrota), o que, como já disse, ajuda na socialização de uma justiça burguesa universalista. Justiça moderna que tem como lema o princípio da isonomia ou da igualdade de todos perante as leis. E tem como procedimento básico a confiança de que tais normas serão aplicadas por pessoas desinteressadas e independentes de simpatias pessoais ou traços particulares. A justiça é tão cega quanto o uniforme do juiz de futebol que não se confunde com o dos times que ele governa no decorrer de uma partida.

Por tudo isso, não foi por mero acaso que o esporte como um domínio social (e como uma "indústria cultural") tenha surgido acasalado com o advento da sociedade industrial de *mídia* e de massa. Esse sistema que hoje tem a hegemonia planetária, operando - sabemos bem - através do mercado, do dinheiro, da possibilidade de compra e venda de trabalho e de uma massa humana urbana socializada universalisticamente e, portanto, capaz de acatar as leis que - repito - valem, como afirma o credo burguês (e o esporte), para todos!

Fundamental, portanto, para o funcionamento dessa sociedade baseada no conflito de interesses e na competição, todas essas modalidades esportivas que invariavelmente tomam o confronto, o conflito e a competição como matéria-prima, transformando as paixões que levavam à morte e à vingança nas sociedades tradicionais, numa leal, rotineira e higiênica disputa de interesses. Tais dissensões são agora não somente institucionalizadas, mas programadas, planejadas e transformadas num espetáculo bom para pensar e dramatizar, conforme diriam Claude Lévi-Strauss e Nelson Rodrigues.

Antigamente os homens perdiam a honra num jogo de morte como os duelos, hoje assiste-se a um espetáculo esportivo. Conforme já afirmei, o esporte é uma peça básica na internalização de uma mentalidade individualista e competitiva. O velho Thomas Hobbes jamais poderia imaginar que a sua abominável "luta de todos contra todos" seria usada como mina de ouro e como chamariz para

fazer com que milhões de pessoas concebessem o confronto como parte intrínseca da vida social e da natureza humana.

## UM RITUAL AGONÍSTICO?

Nesse sentido, o esporte é uma ponte que liga modernidade e individualismo com velhos e esquecidos valores morais. Ele é uma indústria e um espetáculo, mas é igualmente um rito e uma arte. Uma atividade especial que combina com rara felicidade as máximas do capitalismo moderno com as velhas e esquecidas práticas da reciprocidade. Essa reciprocidade sem a qual - conforme ensinou Marcel Mauss - não existe sociabilidade, pois é ela que obriga a dar, a receber e, sobretudo, a retribuir com redobrado zelo. Desse modo, a atividade esportiva em geral e, dentro dela, o futebol, permite ritualizar a competição, o que vai estabelecer ou reafirmar os melhores e os piores, os ganhadores e os perdedores, os primeiros e os últimos, dentro de um quadro estratificado que o credo igualitário tende a mistificar e esconder. Se tradicionalmente o confronto entre grupos e pessoas cimentava reputações e desonrava nomes de família e aldeias, como ocorria nos famosos *potlatch* das sociedades tribais da costa noroeste dos Estados Unidos e do Canadá, modernamente, e graças ao esporte, a disputa transformou-se numa competição entre iguais. Um ritual agonístico, por certo, mas uma celebração na qual o conflito é programado e regido por normas conhecidas dos disputantes, da platéia, dos oficiais (os juizes esportivos) e dos patrocinadores. Daí termos "campeonatos" e não apenas "torneios", "disputas", "combates" ou "duelos" de honra conforme era (e ainda é) o caso em muitas sociedades tribais.

Mas o fato básico é que a esfera do esporte entroniza no mundo moderno formas legítimas de medição de força e de comportamento conflitivo e agonístico que, embora tenham uma moldura moderna, racional e empresarial, são capazes de despertar em circunstâncias especiais ou apropriadas esses valores relativamente adormecidos e essenciais à renovação dos laços sociais e da própria sociabilidade. Por isso o esporte e, dentro dele, o futebol, pode ser facilmente ligado a cosmologias locais. Assim, para Nelson Rodrigues, por exemplo, o escrete nacional do Brasil transforma o povo brasileiro em profeta, ávido leitor e patriota, dotando-o da

6 É preciso novamente observar que Nelson Rodrigues foi o primeiro cronista a notar essa "aristocracia" de celebridades feita no futebol e pelo futebol. Por levar a sério o esporte e a cultura popular, ele viu como nenhum outro essa inversão carnavalesca (e/ou hierárquica) que faz com que a elite tivesse preconceito contra o negro, o pobre e o mulato em casa, na rua e no trabalho, mas de modo inversamente proporcional a esse descaso, admirasse e amasse esses mesmos pretos e mulatos quando eles se transformavam em nobres dentro do campo de futebol. Assim, para Nelson Rodrigues, Didi foi um autêntico príncipe etíope. E foi também ele quem batizou Pelé de rei numa crônica escrita em 1958. (Cf. Nelson Rodrigues, op. cit., pp. 42 e segs.) No caso da música ocorre o mesmo, pois quem canta e toca são os Nat "King" Cole, os "Duke" Ellingtons, e os "Count" Basies...

5 Cf. Nelson Rodrigues, op. cit., pp. 49 e segs.

capacidade de falar diretamente com Deus.

Tal capacidade faz com que o esporte transforme-se em ritual e produza dramas que, em arenas bem definidas e removidas do mundo diário (os "estádios" ou "campus"), abrem espaço para muitas revelações. Quero me referir ao fato de que o rito esportivo - ou melhor, o esporte que eventualmente transborda como ritual - deixa ver um outro uso do corpo. Realmente, no campo de futebol, na piscina ou na pista olímpica, o que se observa e admira não é mais o corpo maltratado e deselegantemente liquidado pelo trabalho que o controla e consome, mas um corpo que desafia o tempo, o espaço e outros corpos. Um corpo que está em atividade árdua mas que transforma a sua estudada disciplina numa atividade que é, acima de tudo, um evento emocionante e positivo. Assim, no esporte, em contraste com o que ocorre no trabalho industrial, sobretudo em países como o Brasil, onde o trabalho tem uma carga cultural negativa, o corpo sintetiza novamente disciplina obrigatória com prazer e beleza. Com isso, o esporte reintegra intelecto e ação, mostrando como corpo e alma podem marchar lado a lado num espetáculo capaz de eventualmente produzir a mais profunda emoção estética. Tudo isso gerando lucro e atraindo aos estádios massas que, diante do evento esportivo, esquecem o seu massacrante dia-a-dia nas fábricas, nas favelas e nos bairros insalubres.

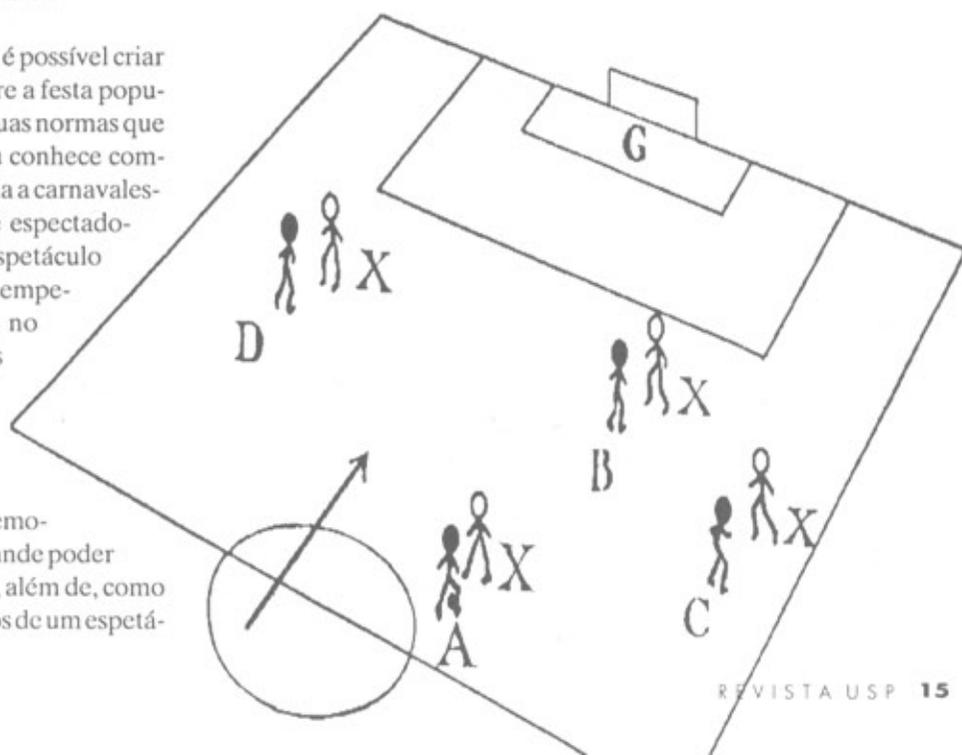
## ESPORTE E FESTA POPULAR

Com o esporte, ademais, é possível criar uma zona intermediária entre a festa popular tradicional (elástica nas suas normas que ninguém a rigor controla ou conhece completamente) - festa que tendia a carnavalescamente confundir atores e espectadores - com o seu oposto: o espetáculo erudito (o concerto e o desempenho teatral ou operístico), no qual atores e espectadores estão rigorosamente separados. Agora, nos estádios e ginásios, as multidões urbanas podem deleitar-se com as inúmeras emoções de um espetáculo de grande poder de sedução visual e auditivo, além de, como "torcida", serem atores ativos de um espetá-

culo em espaço aberto. Um cenário onde atores e espectadores estão separados mas no qual se estabelecem entre eles elos sociais e simbólicos fundamentais. São esses elos que, no Brasil, criam o "torcedor". Ou melhor, que transfiguram o moderno *fan* (palavra que vem do inglês, *fanatic*, ou seja, o aficionado ardente que perde a cabeça e se confunde com o seu clube, celebridade ou time) em "torcedor". Aquele ou aquela que torce, contorna e retorce o seu corpo para que o seu time seja vencedor. Pois o "torcedor" é aquele que urra dentro do estádio. E que, segundo Nelson Rodrigues, "parece um pobre diabo, indefeso e desarmado", mas "na verdade (...) pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem", diz Nelson, "o torcedor está por trás, dispondo" (5). E, diríamos nós, provocando, desafiando, desconstruindo e incentivando o seu time. Com isso, o torcedor cria com o espetáculo uma relação absolutamente ausente do evento erudito, em que os reis, príncipes, duques e nobres não estão tocando - ou, no caso do futebol brasileiro, jogando - mas permanecem quedos e seguros na platéia (6).

## ESPORTE E FUTEBOL NO BRASIL

No Brasil o esporte como um domínio associado à competição e ao uso desinibido do corpo teve no futebol um veículo de notável popularidade. Talvez porque o futebol seja



jogado em equipe, o que permite retomar no nível simbólico a idéia de uma coletividade exclusiva, como a de uma casa ou família. Coletividade com a qual se tem relações insubstituíveis de simpatia, "sangue" (ou "raça") e amor. Nada, a meu ver, fala melhor desta densa relação do que o hino de um dos clubes mais populares do Brasil, o Clube de Regatas do Flamengo - chamado carinhosamente de Mengo pelo povo. Pois neste canto de glória e cidadania, a música afirma: "Uma vez Flamengo, sempre Flamengo/Flamengo sempre eu hei de ser/É meu maior prazer/Seja no mar, seja na terra, seja no ar/Vencer! Vencer! Vencer!/Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer!". Nesses versos temos a expressão cabal dos laços complexos que nos enredam ao nosso *time de futebol*, como se diz no Brasil. Elos que recriam num nível moderno a idéia de família como comunidade que nos engloba, é certo, mas agora, pelo time de futebol - essa comunidade que se escolhe voluntariamente. Pois no processo de socialização brasileiro, processo no qual há um controle muito grande dos pais sobre os filhos, dos mais velhos sobre os mais novos e dos homens sobre as mulheres, a escolha do time do futebol é obrigatória, mas deixada livre e ao sabor dos desejos individuais. Os pais podem determinar tudo: como dormir, como andar, como sentar, como vestir, como falar, como rezar, com quem casar, que carreira seguir e como votar. Mas o "torcer" é uma área significativamente aberta, deixada ao sabor das preferências individuais. Assim, pode-se ser fluminense ou santista, corintiano ou palmeirense.

Ora, tal escolha individual - personalizada e pessoalíssima - permite redefinir a identidade social num nível mais amplo. Um nível que é a um só tempo nacional e cívico, pois fica além da casa e da família. Um nível que tem a ver com um universo feito de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na "rua" - no estádio, em pleno domínio público.

Outro elemento que poderia explicar essa irresistível adoção do futebol pelo nosso povo é o fato desta modalidade de *football* ser jogada com os pés e não com as mãos, como ocorre na versão americana deste esporte, o que engendra imprecisão tática, exige uma grande qualidade técnica dos jogadores e faz com que o jogo decorra num ritmo de altas improbabilidades, mesmo quando um time muito superior joga com

um time notavelmente inferior (7). Jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuam as idéias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso, pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro, algo muito mais raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo.

Além disso, o uso do pé, diferentemente do uso das mãos, obriga a inclusão de todo o corpo, salientando sobretudo as pernas, os quadris e a cintura, essas partes da anatomia humana que, no caso da sociedade brasileira, são alvo de um elaborado simbolismo.

## AS REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL NO BRASIL

Deste modo, fala-se do brasileiro esperto e *malandro* - aquele que sabe viver e "tirar vantagem de tudo" (8) - como a pessoa que tem "jogo de cintura". Expressão que se aplica tanto ao político populista (que sabe dar o "pulo do gato", ou seja, viver positiva e cinicamente as contradições engendradas pelo seu comportamento), quanto ao bom jogador de futebol e o próprio estilo de praticar tal esporte no Brasil. Pois sabemos que o chamado "futebol brasileiro" se representa a si mesmo como uma modalidade caracterizada no uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um jogo bonito de se ver.

A essa altura cabe uma pergunta. Haveria, neste uso exclusivo dos pés que caracteriza o *football Association*, uma relação inconsciente com o *jogo de capoeira* que os escravos africanos trouxeram para o Brasil? Jogo onde as armas de luta não são os punhos, mas as pernas e os pés?

## AS DRAMATIZAÇÕES DO FUTEBOL

É certamente por tudo isso que o futebol tem servido como um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira. Primeiro porque ele é um formidável código de integração social. De fato, o futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, corporadamente e de eventualmente vencer. Ora, essa experi-

7 Não deixa de ser interessante observar que, nos Estados Unidos, a versão triunfante do velho *football* é uma variante que se joga com as mãos, o que permite uma altíssima precisão tática e técnica, mas diminui drasticamente as interferências do acaso quando a qualidade dos times em confronto é muito desigual. Assim, esportes praticados com as mãos exigiram mais igualdade entre os times, o que - diga-se de passagem - seria coerente com sociedades fascinadas pela racionalidade científica, pela impessoalidade, pela especialização e com um sistema democrático consolidado.

8 Significativamente para o que estou discutindo nesta parte, esta frase foi celebrizada num anúncio feito por Gerson, um jogador de futebol da nossa imortal seleção que ganhou o tri-campeonato em 1970.

ência com uma organização coletiva com a qual podemos nos identificar abertamente e que opera para nosso deleite e benefício é muito rara no mundo diário brasileiro, um universo onde as instituições públicas estão, há décadas, desmoralizadas pela inflação e por práticas sociais clientelísticas e personalistas desconcertantes, difundidas por todos os partidos políticos e irremovíveis. Uma segunda dimensão do futebol como força integrativa é a sua capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito. Essa vitória que o mundo moderno traduz com a palavra mágica "sucesso" e que o sistema social hierarquizado e concentrador de riqueza do Brasil faz com que poucos possam experimentar. Mas através do "jogo de futebol", as massas brasileiras podem experimentar vencer *com* os seus times favoritos. Sentem, então, que o seu desempenho no estádio como *torcida* - como platéia sofredora que se dá sem reservas ao seu clube e heróis - produz resultados palpáveis e vitórias completas. Essa vitória que a massa, perpetuamente iludida por governantes desonestos, efetivamente desconhece no campo da educação, da saúde e, acima de tudo, da política.

Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória incontestada. E, melhor que tudo, que as regras valem para todos. Para os times campeões e para os times comuns, para ricos e pobres, para negros e brancos, e para os sãos e os doentes. Nesse sentido profundo, portanto, o futebol nos dá uma potente lição de democracia, pois conforme sabemos, vendo nosso time jogar, as leis têm que ser obedecidas por todos, são universais, são transparentes, e há um juiz que as representa no calor da disputa. Além disso, fica assegurado que, diferentemente da experiência política corriqueira, as regras não podem ser mudadas nem por quem está perdendo, nem por quem está ganhando. Sendo normas independentes dos desejos e impulsos dos times que disputam o jogo, a experiência do jogo de futebol revela clara-

mente como os limites permitem a alternância entre vencer e perder. No futebol, portanto, não há golpes. Tal afirmação das regras do jogo conduz a uma alternância entre vitoriosos e perdedores que, projetada na vida social, é a base da mais autêntica experiência democrática. Em contraste com a situação rotineira que permeia a experiência brasileira, e que fala não de igualdade, mas de posições imutáveis numa hierarquia de poder e riqueza. Assim, se o cotidiano nos apresenta poderosos e impotentes que jamais trocam de lugar, o futebol nos apresenta um espetáculo no qual vencedores e perdedores se alternam sistematicamente. Aprende-se, pois, que a alternância na glória é a glória da alternância - base da igualdade e da justiça modernas.

Para mim, essa é a mais bela lição de igualdade que um povo massacrado pela injustiça pode receber. Ora, é precisamente por ter essa capacidade de juntar o formal com o informal, as leis com a realidade que, no Brasil - e, de resto, em todo o chamado Terceiro Mundo -, o futebol se transformou num campo imbatível de todo tipo de emoções.

No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso país.

Além disso, o futebol instituiu abertamente a malandragem como arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional. Mas sem excluir a capacidade de jogar com técnica e força.

Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vitória em três Copas do Mundo, a confiança na nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional.